



ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA
CURSO DE PSICOLOGIA

GUSTAVO GOMES PASSOS DE CARVALHO

RACISMO E SAÚDE DO TRABALHADOR EM SITUAÇÃO DE
RUA

Salvador- BA

2023

GUSTAVO GOMES PASSOS DE CARVALHO

RACISMO E SAÚDE DO TRABALHADOR EM SITUAÇÃO DE RUA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública como requisito para obtenção do Título de Bacharel e Formação em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Marilda Castelar

Salvador - BA

2023

Racismo e Saúde do Trabalhador em Situação de Rua

Autor: Gustavo Gomes Passos de Carvalho

Orientadora: Marilda Castelar

RESUMO

Introdução: O trabalho é uma atividade constituinte da sociedade, que serve como fonte geradora de renda e como forma de subjetivação dos sujeitos. Sendo a forma como os indivíduos se relacionam com o trabalho permeado pelas categorias sociais que estão envolvidos, e de acordo com a população a qual pertencem. A população em situação de rua é um grupo composto em sua maioria por pessoas negras, e caracterizado por não possuir moradia convencional, vivendo em um ambiente de vulnerabilidade socioeconômica, marcado por privações de direitos e pela presença dos variados tipos de violência. Por esses motivos, a pesquisa pode contribuir para identificar reflexões pertinentes sobre as dificuldades para a promoção de qualidade de vida para o trabalhador em situação de rua. **Objetivos:** Discutir como aspectos sociais, de gênero, raça/cor e escolaridade podem interferir no desenvolvimento profissional e na saúde do trabalhador negro em situação de rua. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva. Na qual foram analisadas entrevistas realizadas com a população em situação de rua, abordando aspectos das relações de trabalho, cor/raça e saúde do trabalhador. Foi realizada uma análise de conteúdo, tendo como base a literatura pertinente. **Considerações finais:** A pesquisa contribuiu com a discussão acerca da relação entre racismo, trabalho e saúde na vida da pessoa em situação de rua. Assim, sabe-se que a nível federal, está se delineando uma política nacional direcionada para a população em situação de rua, espera-se que essas medidas possam ser de fato efetivadas para solução das questões sociais apresentadas.

Palavras-chave: Saúde. Trabalho. Pessoas em situação de rua. Racismo.

INTRODUÇÃO

Na conjuntura atual da sociedade, moldada pelo modelo capitalista, o trabalho é uma atividade constituinte do indivíduo e da sociedade. Servindo como fonte geradora e como forma de subjetivação e socialização dos sujeitos (Neves et al., 2018).

Aliado a isso, é válido salientar que a atividade laboral influencia e é influenciada pela sua qualidade de vida e pelo bem-estar. Dessa forma, quando feita em condições precárias acaba gerando impactos na saúde física e mental dos trabalhadores, podendo ocasionar problemas como dores no corpo, uso abusivo e álcool e drogas, fadiga, ideações suicidas e o surgimento de transtornos mentais. Adversidades que influenciam o bem-estar do trabalhador, provocando impactos na sua saúde física e mental ao causar sofrimento psíquico e gerar emoções e comportamentos aversivos (Silva, Bernardo & Souza, 2016).

Por ser uma atividade realizada por pessoas, a forma como os sujeitos se relaciona com o trabalho, assim como com outros objetos e fenômenos da sociedade, deve ser compreendida em diálogo com as condições objetivas e materiais que esse sujeito está inserido. Ou seja, dentro de uma raça, classe social, cultura e população em que ele pertence. Portanto, ao falar sobre saúde do trabalhador devemos considerar os grupos sociais que o realizam e os efeitos que sistemas e ideologias discriminatórias acarretam sobre essas populações (Gonçalves, 2007).

Nesse caso, a população em situação de rua. A população em situação de rua é um segmento heterogêneo, que tem como características comuns; possuir vínculos familiares enfraquecidos, viver em condições em vulnerabilidade socioeconômica e não possuir moradia convencional, utilizando a rua como espaço de habitação e de sustento (Brasil, 2009).

A população em situação de rua é um grupo marginalizado e excluído socialmente, que vive em condições adoecedoras que a cada dia são intensificadas, ocasionando problemas significativos de saúde. Segundo um estudo realizado pelo IPEA (Instituto de pesquisa econômica aplicada), na última década, a população em situação de rua teve um crescimento de cerca 19 vezes maior que o da população brasileira. Em conforme, esse mesmo estudo aponta que no período da pandemia de COVID-19, ocorreu um aumento deste segmento populacional, abrangendo hoje cerca de 281 mil pessoas (Natalino, 2022). Esse alargamento ocorreu devido a deterioração socioeconômica causada pela pandemia, que resultou em

adversidades que potencializaram o aumento deste índice, tais como a fragilização das relações trabalhistas, a diminuição da renda e problemas relacionados à moradia (Fiocruz Brasília, 2021).

Diante desse cenário, considerando o papel do trabalho na nossa sociedade, é importante investigar aspectos dessa força de trabalho compostas por pessoas negras que se encontram em situação de rua e quais as implicações para suas vidas e bem-estar. Além disso, é fundamental averiguar possibilidades para a intervenção do psicólogo dentro desse contexto.

Por esses motivos, a pesquisa pode contribuir para identificar reflexões pertinentes sobre as dificuldades para a promoção de qualidade de vida para o trabalhador em situação de rua, abordando questões de raça e racismo, para que dessa forma, o profissional de psicologia possa agir de maneira crítica e engajada socialmente aplicando processos e técnicas humanizadas, adequadas a realidade que esse sujeito pertence.

Desse modo, o presente estudo objetiva discutir como aspectos sociais, de gênero, raça/cor e escolaridade podem interferir na saúde do trabalhador negro em situação de rua. Além de: Discutir aspectos de raça/cor na vida de pessoas em situação de rua; Identificar aspectos da saúde nos discursos dos trabalhadores em situação de rua; Refletir sobre as possibilidades para a intervenção do psicólogo dentro desse contexto.

Para abarcar as demandas emergentes será realizada uma análise de entrevistas realizadas com a pessoas em situação de rua na cidade de Salvador - Bahia, abordando aspectos das relações de trabalho, cor/raça e saúde do trabalhador.

Saúde dos Trabalhadores em população em situação de rua

De acordo com a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua realizada em 2009, as principais causas que levam as pessoas a se encontrarem em situação de rua são: problemas relacionados ao alcoolismo e/ou uso de drogas (35,5%); desemprego (29,8%) e conflitos familiares (29,1%). Situações que foram mencionadas individualmente ou em conjunto por cerca de dois terços dos entrevistados. É importante destacar que esses eventos e experiências tem um impacto significativo nas relações sociais do indivíduo, como sua família e comunidade, além de afetar sua capacidade de se sustentar financeiramente (Abreu & Farias, 2015).

No que diz respeito à ida para a rua como resultado de fatores relacionados ao trabalho, o desemprego e a insegurança econômica podem levar a pessoa a viver na rua,

devido a conflitos com essa parte importante de sua identidade e/ou pela falta de autonomia financeira resultante, sucedendo problemas de saúde e sofrimento psicológico decorrentes desta perda (Abreu & Farias, 2015).

A população em situação de rua é alvo de estigmas e preconceitos, sendo representada pela mídia e por variadas formas de discurso como sujeitos de desvalor, sujos e deficitários, associados a problemas que afetam toda a sociedade, como criminalidade, pobreza e desemprego (Sicari & Zanella, 2018). No entanto, diferente do pensamento presente em vários discursos e propagado no senso comum, essa população é composta majoritariamente por trabalhadores (70%), que realizam principalmente atividades informais, com apenas uma pequena parcela dessa população (15%) pedindo ajuda financeira como principal forma de subsistência. Dentre os trabalhos realizados, apresentam-se atividades como catador de materiais recicláveis (27,5%), flanelinha (14,1%), construção civil (6,3%), limpeza (4,2%) e carregador/estivador (3,1%) (Brasil, 2009). Por serem atividades de cunho informal, somado as condições de vulnerabilidade em que a população em situação de rua se encontra, em muitas oportunidades esses trabalhos são realizados em condições extremamente precárias e adoecedoras, sem acesso à direitos trabalhistas e previdenciários, como renda fixa, aposentadoria, cobertura em caso de acidentes e jornada de trabalho delimitada (Pinto, 2020).

Segundo a pesquisa nacional sobre a população de rua, feita em 2009, pelo Ministério de Desenvolvimento social e combate à fome, a população que vive na rua é composta por 67% de pessoas negras, sendo 39,1% de pardos e 27,9% de pretos (Brasil, 2009). Sujeitos que além de viver com as adversidades da rua, convivem com as particularidades do racismo. No qual experienciam a discriminação e o preconceito por meio de formas de tratamento desiguais e variadas formas de violência.

A fim de analisar esses dados, é preciso considerar que, raça e racismo são conceitos que norteiam a compreensão da sociedade contemporânea, dando forma a fenômenos e âmbitos que a constituem. Sendo noções utilizadas para manter e potencializar ideologias e sistemas discriminatórios, excludentes e adoecedores que moldam a vida cotidiana das pessoas ao redor do globo (Almeida, 2019).

Para compreender esses conceitos é necessário envolvê-los nos processos e condições sociais, culturais e históricos que eles são utilizados. Sendo raça uma categoria utilizada para representar pessoas com características fenotípicas, como cor de pele e textura do cabelo, além de representá-las por possuírem características e costumes étnico-culturais associados a

uma localidade, tendo como exemplos a vestimenta, a língua e os modos pelos quais interagem com o mundo (Almeida, 2019).

Segundo o mesmo autor, o racismo é uma forma de violência fundamentada no conceito de raça, e manifestada através de comportamentos, práticas e valores que acarretam diferenciações na vida dos sujeitos. Essas desigualdades são expressas a partir do grupo racial em que eles estão envolvidos, podendo eliciar prerrogativas e/ou ônus à eles, presentes em âmbitos como economia, política, além de estar presente na vida cotidiana (Almeida, 2019, p.22).

Além do racismo, outros conceitos são associados a ideia de raça, tais como preconceito racial e discriminação racial. O preconceito se manifesta através de prejulgamentos endereçados a uma pessoa ou grupo racializado, e podem suceder práticas discriminatórias. Já a discriminação racial, é a delegação de formas de tratamentos diferenciados a grupos étnicos, atribuindo liberdades e limitações por conta da raça, que são manifestados em diversos ambientes, como a saúde, educação e o trabalho (Almeida, 2019).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população negra é maioria no Brasil, com 53,6% afirmando ser “preto” ou “pardo” e 45,5% se declarando de cor branca (IBGE, 2015). No entanto, mesmo correspondendo a maior parte da população do país e contribuindo fundamentalmente para as manifestações culturais e para o surgimento do que hoje se compreende como Brasil, o preconceito racial contra pessoas negras, é sistemático e cotidiano. Resultando com que as pessoas pertencentes a essa categoria social possuam piores condições de vida, níveis inferiores de renda, menos acesso à educação formal, maior porcentagem entre os presentes em localidades não assistidas e possuindo sua cidadania e direitos como moradia, saúde, segurança e educação cerceados (Abreu & Farias, 2015; Coelho, da Silva & Herdeiro, 2021).

Sendo a população em situação de rua, a expressão mais extrema desse projeto de exclusão social, que pode ser corroborado ao observar os seus índices sociodemográficos, tomando como exemplo, o fato da maior parte da população em situação de rua (que é composta por pessoas negras) não ter concluído o primeiro grau, não tendo assim uma educação elaborada (Abreu & Farias, 2015; Coelho, da Silva & Herdeiro, 2021).

Esse fenômeno ocorre devido aos processos discriminatórios e excludentes presentes na colonização do Brasil, no qual a cidadania e os direitos eram negados as pessoas que não possuíssem descendência portuguesa, ou seja não-brancos (negros e indígenas). Além disso,

um dos fatores que contribui para a ocorrência desse quadro é devido a manutenção das estruturas de exploração que mesmo mediante as transformações socioeconômicas que ocorreram na história do Brasil, como a independência, abolição da escravidão, industrialização e a urbanização, estruturaram a realidade social brasileira de um modo que manteve e alguns casos potencializou a exclusão social sistemática da população negra. Dificultando a promoção de cidadania, além de interferir na maneira que elas se estruturam e expressam a sua subjetividade e singularidade, enquanto grupo e também como sujeito (Abreu & Farias, 2015; Coelho, da Silva & Herdeiro, 2021).

Segundo a OMS, saúde é definida como a situação de perfeito bem-estar físico, mental e social. Contudo, esse conceito pautado na “perfeição” é considerado inatingível mediante a indefinibilidade deste construto, e comete equívocos ao separar os âmbitos biológicos, psicológicos e sociais (Sagre e Ferraz, 1997). Sendo necessários para a manutenção e promoção de saúde e qualidade de vida observar os aspectos biopsicossociais do indivíduo, tendo deste modo uma visão globalizada acerca dos processos saúde-doença. Em consonância, os acometimentos e as fatores promotores de adoecimento, podem ser vistos como situações passageiras ou fenômenos acumulativos e crônicos presentes no contexto ou nas circunstâncias em que as pessoas vivem.

A saúde pode aparecer na vida da população em situação de rua como causa da sua ida à rua ou como consequência para a sua manutenção nela. Todavia, é válido salientar que a vida na rua expõe as pessoas que residem neste contexto a fatores promotores de adoecimento, como maior probabilidade de ser vítima de agressões físicas e morais, falta de rede de apoio, variações climáticas, estigmas, alimentação inadequada, privação de sono, más condições de higiene e atendimento deficitário das equipes de saúde ao não adequar a lógica de tratamento as especificidades desta população (Ministério da saúde, 2012b).

Um exemplo de como essas condições promovem adoecimentos, é ao notar que quando a alimentação do indivíduo é inadequada qualitativamente ou quantitativamente, para garantir a homeostase do corpo em condições adversas, o sistema nervoso age de modo que regula a atividade metabólica economizando energia e reduzindo o seu potencial de ação, gerando cortisol, conhecido como hormônio do estresse, e acarretando assim impactos negativos para o humor e bem-estar do sujeito. Concomitantemente, a autora acrescenta que a má alimentação pode gerar doenças e condições infortunas, como perda de peso, crescimento deficiente, baixa imunidade, danos na mucosa gastrointestinal, perda de apetite, má absorção

do alimento, e alterações importantes no metabolismo, ademais, o cortisol está vinculado com doenças crônicas na vida adulta, como doenças cardiovasculares e diabetes (Sawaia, 2005).

Em conforme, nos processos de produção de saúde e doença, desigualdades sociais e privações de direitos como moradia, alimentação produzem ressonâncias além das ligadas aos aspectos biológicos. Sendo assim, os fatores promotores de adoecimento condições que além de produzirem repercussões fisiológicas, acarretam ressonâncias na saúde mental e na subjetividade dos indivíduos, moldando seu jeito de ser e agir, e o meio como interpretam suas experiências, determinando a maneira como se sentem e se comportam (Barata, 2009).

Atuação dos/as psicólogos/as nas Políticas Públicas para as pessoas em situação de rua

Para promover saúde e qualidade da vida, direitos garantidos pela Constituição e assegurados pelos princípios norteadores do Sistema único de Saúde (SUS), universalidade, integralidade e equidade, é fundamental que existam políticas e práticas dos profissionais de saúde que compreendam a dinâmica da vida das pessoas em situação de rua.

Política pública é um termo que possui significados distintos e que está vigente em diversos discursos, no contexto acadêmico, governamental, sendo veiculado na mídia e presente no senso comum. Esse conceito revela visões de mundo variadas que são entrelaçadas com olhares e procedimentos sociais e profissionais distintos (Melazzo, 2010).

Mesmo toda política sendo essencialmente pública, visto que envolve a tomada de decisões que afetam a sociedade como um todo, é entendido como política pública, programas de ação governamentais que objetificam garantir um conjunto de carências do convívio social de determinado segmento social e/ou de uma localidade, a fim de garantir os seus direitos. Nos quais os agentes presentes são enxergados como sujeitos ativos na sua elaboração e execução, considerando suas perspectivas de mundo e a conjuntura socioeconômica que estão envolvidos. Dessa forma, se aproximando dos interesses coletivos e extrapolando as necessidades individuais e particulares presentes nas relações de poder, discurso e interesse de segmentos da sociedade (Melazzo, 2010).

O empreendimento do poder público sobre a realidade em determinado âmbito de ação, ocorre por meio de princípios, diretrizes e normas que são elucidados em programas, projetos e legislações, nos quais os seus mecanismos e arcabouços são concretizados (Melazzo, 2010).

Neste interim, os órgãos competentes possuem legislações e dispositivos que devem abarcar as demandas da população em situação de rua, atravessada por invisibilizações e violências. No entanto, a cobertura à essa população ocorre de maneira deficitária não abrangendo as suas especificidades (Ministério da saúde, 2012b).

Desse modo, para possibilitar um olhar adequado abrangendo sua singularidade enquanto sujeito, e as especificidades pertencentes como segmento social. Tem-se políticas e dispositivos específicas para as pessoas que vivem em situação de rua, fundamentados pela Política Nacional para a População de Rua.

A Política Nacional para a População de Rua, foi instituída pelo decreto Nº 7.053, assinado dia 23 de dezembro de 2009. Essa legislação se baseia em princípios como o respeito à dignidade e ao atendimento humanizado e universalizado. Esses objetivos devem ser atingidos estabelecidos através de diretrizes que serão utilizadas para garantir a qualidade e conformidade das atividades direcionadas. A título de exemplo, algumas orientações e instruções presentes nessa legislação destinam-se: a promoção dos direitos civis, econômicos e sociais; o incentivo à participação da população de rua na construção e avaliação de políticas públicas, e a capacitação dos profissionais que atuam no atendimento a este grupo. Essa política é acompanhada e monitorada pelo decreto Nº 9.894, por meio de ações que visem o detalhamento de estratégias utilizadas e a convergências dos dispositivos competentes, nos âmbitos municipais, estaduais e federais.

Entre serviços e estratégias que atuam com a população de rua tem-se o Centro POP e o Consultório na rua. Conforme o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2011), o Centro POP, é um serviço especializado no atendimento à população de rua que desenvolve ações e atividades visando a construção de vínculos, a promoção de direitos e bem-estar. Afim de exemplificar, isso ocorre através de algumas práticas que visam lazer, segurança alimentar, saúde, educação. Já o Consultório na rua, é uma estratégia instituída pela Política Nacional de Atenção básica, que tem a finalidade de promover saúde de maneira integral para a população em situação de rua. O consultório na rua é composto por uma equipe multiprofissional que possui profissões como psicólogo, terapeuta ocupacional e enfermeiro. Diferente de outros dispositivos de saúde, a equipe do consultório na rua, desenvolve suas atividades de maneira deambulante, ou seja, sem localização fixa e indo ao encontro das pessoas em situação de rua no território e na localidade em que elas estão. Esses profissionais devem possuir uma atuação contextualizada, compreendendo as particularidades da população

em situação de rua, e ofertando ações e cuidados necessários às situações e acontecimentos presentes no seu cotidiano, como a redução de danos (Brasil, 2012).

Dentro do contexto do mundo das ruas, marcado pela vulnerabilidade, além de promover saúde, a atuação do psicólogo deve intervir proporcionando atividades que visem a socialização do sujeito junto à família e a comunidade, criando direcionamentos para a construção de projetos de vida que possibilitem a saída da rua por essas pessoas. Isso pode ocorrer a partir de práticas e processos como escuta ativa, acolhimento, atendimento psicológico e treinamento de habilidades sociais. Assim, para realizar um trabalho de forma apropriada e engajada socialmente é fundamental compreender a maneira que população de rua se organiza e interage no território, além de considerar outros pontos importantes para a promoção de saúde, tais como a relação entre os fatores biológicos de adoecimento, os determinantes sociais de saúde e os discursos estigmatizantes e discriminatórios que incidem sobre essa população (CRP 04, 2015).

METODOLOGIA

A pesquisa configura-se numa abordagem qualitativa, exploratória, descritiva. De acordo com Patias e Hohendorff, (2019), a pesquisa qualitativa tem como objetivo compreender as complexidades e nuances do fenômeno que está sendo estudado, a partir da perspectiva dos participantes da situação estudada, dando uma importância acentuada para a experiência dos integrantes da pesquisa, pesquisador e pesquisado.

Segundo Oliveira (2017), a pesquisa exploratória é utilizada quando o pesquisador tem a finalidade de estudar com mais afinco e de maneira mais acentuada, as questões e hipóteses pertencentes as temáticas abarcadas no campo de pesquisa. Em conforme, de acordo com o mesmo autor, a pesquisa descritiva tem a finalidade de descrever as idiosincrasias da população ou fenômeno observado, ou a relação entre duas ou mais variáveis.

A pesquisa foi realizada com homens negros trabalhadores da cidade de Salvador, que estão ou já estiveram em situação de rua, e que não possuam ensino superior. Para delimitar o perfil dos participantes, o público-alvo desta pesquisa foi definido seguindo critérios de gênero, raça e escolaridade, tendo em vista abranger as características sociodemográficas da população que reside na rua, pois aproximadamente 67% da população em situação de rua é composta por pessoas negras, 82% são homens e 63,5% não possuem ensino fundamental completo (Brasil, 2009).

Serão considerados para essa pesquisa, 6 entrevistas do banco de dados do grupo de pesquisa Psicologia, Diversidade e Saúde, através da linha de pesquisa Memória, Cultura e Subjetividade, conforme o quadro abaixo:

Nome fictício	Idade	Sexo	Raça/Cor	Escolaridade	Situação	Entrevista/Território
José	36	M	Negra	8ª série	Fora da Rua	MARES
Antônio	41	M	Parda	Médio Completo	Na rua-	ROMA
Júlio	29	M	Preta	Analfabeto1ª série	Na Rua-	BONFIM
Alfredo	38	M	Parda	Médio Completo	Na Rua-	ROMA
Jânio	43	M	Negra	Analfabeto	Na Rua-	ROMA
Adão	21	M	Negro	Fund. Incompleto	Na Rua-	GAMBOA

Acerca do percurso para a realização das entrevistas, as pessoas em situação de rua foram encaminhadas a partir das três entidades de Salvador envolvidas no trabalho com essa população. Podendo ser pessoas que estão morando na rua ou já superaram esta fase da vida e que hoje se encontram em alguma atividade laboral de subsistência.

O convite inicial foi feito através de lideranças do movimento de população em situação de rua que conhecem a realidade desse segmento. No espaço adequado para realização da entrevista cedido pelas instituições, o entrevistado foi informado de maneira simples sobre o objetivo da pesquisa, onde foram esclarecidas todas as dúvidas e depois de sua concordância com o conteúdo do TCLE, começou uma entrevista semiestruturada. Na entrevista foram abordadas questões acerca do histórico de vida, dos motivos e do significado que era estar na rua, dialogando com aspectos das relações de trabalho e da saúde dentro deste contexto.

Vale salientar que existem moradores em situação de rua ou ex-moradores que possuem escolaridade até nível superior e em condições de lerem o TCLE e compreender seu teor. Entretanto não foram entrevistados, aqueles que estiveram em sofrimento psicossocial elevado e conseqüentemente sem possibilidade de manter um diálogo, para responder as perguntas do pesquisador.

Foram coletados dados de seis entrevistas semiestruturadas já realizadas e transcritas, que estão presentes no banco de dados do projeto 'Saúde mental do trabalhador em uma perspectiva de Gênero, Raça e Classe'. Estas totalizam 2 horas de gravação e 45 páginas de transcrição.

A presente pesquisa pertence ao projeto mais amplo Saúde Mental do Trabalhador em uma perspectiva de Gênero, Raça e Classe, que foi aprovado no comitê de ética da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, CAAE 43070621.4.0000.5544, Número do Parecer: 4.674.126, emitido em 27 de abril de 2021. Os pesquisadores seguiram as normas e diretrizes vigentes direcionadas pela Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Assim, foi realizado uma análise de conteúdo com base nos dados obtidos. A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas que através de procedimentos sistemáticas e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens permitem examinar os conceitos que estão sendo explicitados (Mendes e Miskulin, 2017).

Como subsídio teórico para a análise dos dados captados na entrevista, será utilizado o método de Núcleos de Significação, fundamentado na perspectiva do método materialista histórico-dialético, que compreende o sujeito e seu discurso como constituídos numa relação que dialoga com as condições sociais, culturais e históricas, em que ele é ao mesmo tempo, um ator ativo, singular e histórico (Aguiar & Ozella, 2006).

A partir da familiarização com os dados coletados, por meio de leituras flutuantes e da organização do material presente nas entrevistas, surgiram temas que foram caracterizados pela frequência e relevância de dialogar e compreender os objetivos deste trabalho, chamados de pré-indicadores. Em seguida, eles foram agrupados com base em suas semelhanças, resultando na criação dos indicadores. A partir desses conjuntos de indicadores, emergiram os núcleos de significado.

A fim de exemplificar, alguns pré-indicadores que surgiram foram: Relevância do trabalho, trabalhos realizados pela população de rua, visões sobre o trabalho, discriminação, territorialidade, fatores promotores de adoecimento, uso de substâncias psicoativas, luto, má captação do sistema de saúde. Depois de selecionar os pré-indicadores, eles foram estruturados considerando a sua complementaridade temática, dando surgimento aos indicadores. Os indicadores foram divididos entre os que abarcavam as interfaces do trabalho realizados pela População de rua, e os indicadores que relacionavam a saúde com as condições de vida da População de rua.

Dessa maneira, foram estruturados os seguintes núcleos de significado: Núcleo 1 - Trabalho e População em Situação de Rua e Núcleo 2 - Saúde e Condições de Vida na Rua. A partir da diferenciação desses núcleos, tornou-se possível iniciar uma análise mais detalhada das entrevistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trabalho e População em Situação de Rua

Neste núcleo de sentido, será analisado como os processos psicossociais relacionados ao trabalho aparecem nos discursos da população em situação de rua. Considerando como as falas abordam o percurso histórico que modifica o mundo do trabalho e estruturam as atividades laborais, observando a relação dos processos psicológicos com a sociedade e a cultura, na formação dos sujeitos, seu self, suas ações e seus valores.

Esses processos de trabalho, resultaram na constituição da população em situação de rua, composta majoritariamente por negros e pobres. Devido à inexistência de políticas públicas e de processos que abordem suas circunstâncias, muitos não conseguem monetizar a sua capacidade de trabalho de maneira adequada, levando em alguns casos, à necessidade de utilizar a rua como espaço de moradia e sobrevivência, em que vivem em condições desumanas (Oliveira & Martins, 2022).

Nesta fala, ao ser perguntado sobre como era a sua dinâmica na rua, e sobre os trabalhos realizados pela população em situação de rua, entrevistado relata que:

“- Trabalha sim!- - [...] - Claro, reciclagem, a maioria, a maioria recorre a reciclagem, mesmos os que tem profissões, mas tem muita gente, a porcentagem é grande, setenta, oitenta, noventa por cento das pessoas que estão na rua tem profissões, são profissionais, são motoristas, são, são eletricitas, são pedreiro, pintores, barbeiro, eh, trabalha com, com, na área de beleza, as vezes já trabalhou eh, eh, material de construção, já trabalhou com eh, eh, de motorista de caminhão, motorista, existe todo tipo de profissional mesmo cara”. (Antônio, homem, pardo, 41 anos, ensino médio completo)

A fala de Antônio explana um dado presente nas pesquisas sobre a população em situação de rua, o fato que grande parte das pessoas que hoje vivem na rua trabalha ou já esteve envolvida em empregos ou atividades laborais, realidade que difere dos discursos veiculados sobre este segmento, que os retratam como desocupados e vagabundos. Contudo, o relato de Antônio também traz elementos sobre profissionais que, capacitados ou não, não estão presentes no mercado de trabalho formal, tendo que realizar atividades sem vínculos empregatícios e com seus direitos cerceados. Eles fazem parte de excedente de trabalhadores que pode ser chamado de “Exército industrial de reserva”. De acordo com Karl Marx, o desenvolvimento do capitalismo produziu, produz e continua produzindo, como uma das suas

características um grande número de trabalhadores desempregados sem intenção de inclui-los no mundo do trabalho. Esse fenômeno ocorre com a finalidade de reduzir as condições de trabalho dos profissionais empregados, criando um ambiente de ansiedade e tensão, que devido ao fantasma do desemprego eliciam comportamentos que mantêm e potencializam estruturas de trabalho adoecedoras e deficitárias. Da mesma maneira, cria sujeitos ávidos para ingressar no circuito trabalhista que por necessidade e sobrevivência são inclinados a acatar as conjunturas do capitalismo (Trindade, 2017).

As mudanças socioeconômicas e acontecimentos que ocorreram nos últimos anos, como a pandemia da covid-19, tem levado um grande número de pessoas para a situação de desemprego, no qual há uma fragilização das relações de trabalho. Desse modo, podendo essa situação aparecer como uma das causas que levam a pessoa à vida na rua ou como um dos fatores que mantêm a sua continuação nela. Mediante a isso, para sobreviver nas condições desumanas que permeiam a experiência de viver na rua, o sujeito inserido neste contexto, costuma realizar trabalhos e atividades que possuem como única ou maior finalidade a sua subsistência (Pinho, Pereira & Lussi, 2019).

“Profissão não. Só sei que, só tenho a mente aberta para trabalhar, agora profissão, tenho não. [...] Faço, faço sim, vender água, me chamam prá carregar alguma coisa, carregó. Trabalho na praia para sobreviver, um prato de almoço. [...] É fazendo um bico prá sobreviver.” (Júlio, homem, negro, 29 anos, analfabeto)

No seu relato, Júlio explana os trabalhos realizados por ele, atividades que não diferem das executadas pela maioria da população em situação de rua. A população em situação de rua costuma realizar atividades rejeitadas por outros setores da população, e que não necessitam de grande qualificação profissional, possuindo baixa remuneração, ao mesmo tempo que seus direitos trabalhistas são negados. Em virtude disso, os trabalhos realizados por eles são realizados de maneira perene, com o único objetivo de possibilitar a sua sobrevivência, assim como é revelado na fala de Júlio. As atividades realizadas por Júlio não visam à sua valorização enquanto sujeito e impossibilitam a geração de renda e de autonomia adequada para saída da condição de vulnerabilidade em que ele se encontra na rua. Dessa forma, para lidar com essa questão, alguns serviços e estratégias são necessárias para contribuir para a mudança deste paradigma, como incentivo à educação e à capacitação profissional visando o ingresso no mercado de trabalho. Esse ponto se entrelaça com a história de Júlio, pois mesmo sendo um jovem adulto de 29 anos, e como relatado na sua fala “ possuindo mente aberta

para trabalhar'', por ser negro e analfabeto, algumas barreiras são colocadas que dificultam a geração de trabalho e renda (Pinho, Pereira & Lussi, 2019).

Durante o decorrer da história, o trabalho teve diversos sentidos e significados de acordo com a cultura e a temporalidade em que as pessoas se encontravam. Em alguns momentos, como durante a idade média e a idade contemporânea, o trabalho foi considerado uma atividade que desvaloriza as pessoas que o realizam, estando sujeitas a práticas e pessoas consideradas inferiorizadas, como ocorreu através de ideologias e sistemas que mantiveram a escravidão. Contudo, a partir de transformações que ocorreram no intercurso da história, como a revolução industrial e o surgimento da burguesia como classe dominante, a visão acerca do trabalho é transformada de um modo que acarreta grandes mudanças na nossa sociedade, e passa a ser compreendida como atividade que dignifica e valoriza a sociedade e o ser humano (Henrique, Santos & Vianna, 2013).

Na fala seguinte, o entrevistado discorre:

Sim, o trabalho para mim eu considero muito importante, porque o trabalho é tudo na vida do homem, do ser humano. Não só do ser humano, mas do homem. Então, assim, nós temos que ter um trabalho, acho que... e outra, trabalho tem. Se você correr atrás você, nós, conseguimos, entendeu?." (Alfredo, homem, pardo, 38 anos, Ensino Médio completo)

A fala de Alfredo, dialoga com questões muito importantes acerca do trabalho e da vida em sociedade. Primeiramente, um dos pontos abordados em seu relato é sobre a questão de explanar uma visão meritocrática acerca do trabalho, em que a vontade e/ou motivação das pessoas é única ou principal causa para conseguir um trabalho, realizando assim uma atividade remunerada. Neste sentido, a fala do entrevistado caminha com ideias e concepções do neoliberalismo, que para manter um sistema naturalizador de desigualdades e da exploração da classe trabalhadora, propaga convicções que individualizam o sujeito, os colocando em situação de falsa equiparação (Antunes, 2019). Esses pensamentos e convicções presentes no senso comum e nos discursos midiáticos, também aparecem na fala de Alfredo, que mesmo estando em condições de vulnerabilidade e ''concorrendo'' em condição desigual com outras pessoas acerca da realização de um trabalho, coloca o esforço como principal fonte para conseguir este. Seu discurso não se atenta a questões e aspectos que muitas vezes perpassam a busca de uma pessoa em situação de rua para a efetivação profissional, como o desemprego estrutural e crescente na sociedade, a qualificação profissional que é relegada, o preconceito contra a população em situação de rua, e no seu caso, um homem negro, o

racismo velado ou não, que é endereçado às pessoas de sua cor (Henrique, Santos & Vianna, 2013).

Outro ponto abordado na fala de Alfredo é sobre como o trabalho não é somente um elemento estruturador da identidade do indivíduo, mas também das pessoas enquanto se enxergam e se entendem como homem.

Em conforme Eccel e Grisci (2011), dialogam sobre como a masculinidade é uma construção social que impacta na forma como os sujeitos constroem suas relações e sua personalidade, ao estruturarem como os homens devem ser, as atividades que deve realizar, o que devem pensar e o que devem sentir, aspectos que atuam sobre diversos âmbitos, inclusive o trabalho.

De forma análoga, outro entrevistado traz no seu relato questões ligadas a masculinidade:

É quando rola algum bico, descarregar um caminhão, estacionar um carro e aí a sobrevivência vem tudo daí, né? Pra sustentar o vício [...] Muito importante. [...] Pra bíblia ta escrito o que? que o homem deve comer do suor do seu rosto. (Adão, homem, negro, 21 anos, Ensino fundamental incompleto)

A questão da masculinidade e do ser-homem trazida por Adão é um ponto que necessita de aprofundamento ao observar a ótica de uma pessoa que está em situação de rua. Assim como é o caso de Adão, a população em situação de rua é composta majoritariamente por homens, e a vida na rua e os trabalhos realizados por essa população muitas vezes não estão dentro do que é propagada pelos vieses e ideias da masculinidade. No entanto, como relatado por Sicari e Zanella (2018), não existe um grande acervo de discussões que põem em voga, aspectos referentes a masculinidade entrelaçados com os aspectos dos homens que compõem a população de rua.

A fala de Adão traz discursos que foram trabalhados em outros momentos no decorrer deste trabalho, como a presença de visões e alegações acerca do labor. Além disso, um ponto considerado válido trabalhar na análise da sua fala é acerca da sua idade. Adão é um jovem de 21 anos, que não possui ensino fundamental completo. Mesmo a educação sendo um direito garantido pela constituição e um dos objetivos fomentados na Política Nacional para Pessoa em Situação de Rua, a realidade de muitas pessoas que estão dentro deste contexto não é abarcada por políticas e atividades que possuem este interim. No caso de Adão, é necessário

que os instrumentos e órgãos educacionais competentes tenham uma visão crítica e aprofundada de forma que compreenda as especificidades da população em situação de rua, elaborando processos que promovam autonomia e considerem a sua autodeterminação, dessa forma sendo possível capacita-lo e fortalece-lo (Almeida, 2012).

O fenômeno da população em situação de rua tem suas raízes nas violências históricas que ocorreram na constituição do Brasil, em que houve o genocídio dos povos indígenas e o sequestro dos negros oriundos do continente africano. Esses processos perpassaram as mudanças socioeconômicas, que mesmo com o fim da escravidão e o surgimento da legislação trabalhista, manteve marcas que estão presentes na vida da população negra, refletindo em menor distribuição de renda, impossibilidades do exercício da livre cidadania, relações de trabalho marcadas pela subordinação e pelo desemprego desde tenra idade (Oliveira & Martins, 2022).

“Profissão é lavrador. [...] - Muito tempo[...] - Até os trinta, deixa eu ver, até trinta e cinco, trinta e seis anos mais ou menos. Comecei com sete anos de idade na roça. Eu fui até os trinta e cinco, trinta e seis, já tem uns dois anos que eu não sei o que é uma enxada. [...] - as condições lá era precária. [...] - Negócio de roça, negócio de roça, não é todo dia que a pessoa vai achar um bico. Aí quando chega, aí quando eu vim de lá pra cá, eu passei por Dias d'Ávila primeiro, passei 90 dias ``. (José, homem, negro, 36 anos, Ensino fundamental incompleto)

A explanação de José salienta uma questão preponderante que ocorreu em toda a história do Brasil, o êxodo rural. Sua história retrata a de diversos brasileiros, pessoas que influenciados pelas condições adversas em que viviam, tiveram que sair do campo onde moravam para a cidade. Seu discurso é atravessado por dificuldades que ocorreram durante toda a sua vida, a necessidade de trabalhar a partir dos sete anos de idade, sua ida para o contexto urbano buscando melhores condições de vida, e o seu histórico com o mundo das ruas. É imperativo que para observar e compreender os elementos presentes na vida de José, sejam abarcadas suas relações com a cultura e com as condições sociais que transversalizam, a população negra a qual José pertence vive em circunstâncias marginalizantes que abrangem todos os campos da nossa sociedade e influenciam sua relação com eles, seja no trabalho, na saúde, ou na educação.

Saúde e condições de vida na rua

Neste núcleo de sentido, vão ser analisados como as condições em que vivem as pessoas em situação de rua, perpassam o processo saúde-doença dentro desse contexto. Observando situações e comportamentos que esses sujeitos experienciam.

Nas condições de vida que a população de rua experiencia, constantemente são negados direitos e garantias fundamentais assegurados na constituição para todos os cidadãos, como alimentação, moradia e segurança. Fazendo com que muitas vezes dentro do contexto que vivem essas pessoas sejam atravessadas por fatores que podem acarretar repercussões físicas e mentais na sua saúde. Dentre esses fatores promotores de adoecimento, podemos exemplificar a má alimentação e estresse crônico, aspectos que podem eliciar emoções e comportamentos aversivos como comportamentos autolesivos, ideações suicidas e pensamentos de heteroagressividade (Ministério da Saúde, 2012b).

Na fala a seguir, o entrevistado relata que:

‘‘Dificuldade de tudo, de almoçar, de tomar café, de tomar banho, de lavar roupa, de sentar, por que se sentar num lugar as pessoas vê que não tá comportamento de um trabalhador, como eles se sente cidadão, né? honesto né? é a gente que dorme na rua, é o que? é usuário de droga. É o que não presta né? para ele, né? As pessoas que nem conhece um ao outro’’. (Júlio, homem Negro, 29 anos, analfabeto)

Ao ser perguntado sobre as dificuldades de vida na rua, o entrevistado discorre sobre algumas condições de adoecimentos presentes neste contexto. Ele é imperativo na sua fala a pontuar como os recursos e as necessidades básicas, que em outros ambientes é conseguido com maior facilidade e disponibilidade, como de realizar uma refeição, de realizar um asseio adequado, ou de simplesmente repousar em um local no espaço, é transpassada por dificuldades que vão além da falta de condições materiais presentes, e sim causadas pelo preconceito e discriminação de terceiros. De acordo com Silva e Brito (2022), a população em situação de rua é foco de discriminação e preconceitos, manifestado através de violências físicas, psicológicas, verbais e institucionais. Essas violências impossibilitam que muitas vezes essas pessoas tenham acesso a recursos, utilizem serviços e habitem localidades da maneira que desejam, sendo sempre julgados e observadas com uma conotação negativa, como ocorre com o entrevistado. Além disso, esses elementos geram adoecimento psíquico e atravessam a subjetividade da pessoa em situação de rua, podendo eliciar crenças em que se sentem desvalorizadas e desumanizadas, sentimentos que podem ser encontrados no discurso do entrevistado, ao se referir a constante suspeita que transpassa o seu cotidiano.

O uso de substâncias psicoativas é um comportamento presente em diversas sociedades no transcorrer da história, possuindo diferentes significados a partir das pessoas que a utilizam, das classes sociais e da cultura na qual estão integradas. Para compreender o uso de drogas, devem ser abordados a multifatorialidade que levam as pessoas a utilizar uma substância, além dos impactos que ocasiona na vida dos indivíduos, nos âmbitos pessoais, laborais e comunitários. Dessa forma, sendo o uso abusivo ou problemático de substâncias um problema que afeta toda a sociedade, especialmente as camadas mais desfavorecidas. A presença de substâncias psicoativas aparece no mundo das ruas carregada de estigmas que individualizam o seu histórico com a substância, atrelando-as a moral, sem muitas vezes realizar um aprofundamento acerca das condições de vulnerabilidade socioeconômicas que o levaram a realizar o uso (Mendes, Ronzani & Paiva, 2019).

A seguir, ao ser perguntado se realiza uso de alguma substância, o interlocutor relata que:

Fumo crack, fumo crack, maconha, cheiro pó. [...] - Rapaz, estou dependente, não vou mentir porque, devido a essa situação mesmo de conflito familiar. (Adão, homem, negro, 21 anos, Ensino fundamental incompleto)

A fala de Adão alega uma questão presente na vida da população que convive na rua, sua relação com o uso de substâncias psicoativas. Seu relato traz elementos sobre a sua conexão com narcóticos, apontado pelo mesmo causado por uma situação de conflito familiar. Esse elemento trazido na sua fala explana um dado presente na vida das pessoas em situação de rua, o fato do uso problemático de substâncias, conflitos familiares e sua interseção, sendo causas para pessoas utilizar a rua como espaço de moradia e de sustento.

A relação das pessoas que vivem na rua com o uso de substâncias é atravessada por diversas circunstâncias, que propiciam um uso disfuncional da substância, acarretando problemas na sua saúde e nas suas relações sociais. O ambiente de vulnerabilidade em que vivem, é marcado por dificuldades como constante ansiedade, privação de sono, fome, frio e violências. Esse comportamento é promovido devido às suas carências afetivas e fisiológicas, em que passam por situações adoecedoras, aparecendo diante dessas dificuldades, o uso de drogas como forma de sobrevivência e socialização (Lisboa, 2013).

Para realizar trabalhos e intervenções com o objetivo de promover saúde e qualidade de vida, é necessário compreender as vicissitudes do território que o sujeito está envolto. Desse modo, o conceito de território deve ser abordado com uma compreensão que vá além

da sua ideia como um espaço geográfico circunscrito, e sim abarcando as particularidades e os indivíduos presentes neste contexto. Embora a população em situação de rua seja um grupo heterogêneo, apresentando diversas particularidades na forma como se relaciona com o território, é importante salientar que, tais relações são influenciadas por dinâmicas complexas de poder e afetividade adequadas à realidade em que esse grupo convive, em situações de vulnerabilidade. Sendo a relação dos sujeitos com o território mediada por suas características singulares, como raça, idade e gênero. E além disso, sujeitas às contingências e elementos do ambiente, incluindo a ação das organizações que atuam nesta localidade, e a presença de outras pessoas, estando na mesma situação de rua ou não (Macerata, Sade, & Ramos, 2020).

A seguir, o entrevistado conta que:

“Você tem o seu grupo que você sai pra se divertir. Seu grupo que você está no meio né? A gente morador de rua, a gente chama isso de maloca. A gente tem nossa maloca, se chegar, quem é de uma maloca, se chama maloqueiro, se chegar um maloqueiro de uma outra maloca pra determinada maloca, as vezes já existiu uma confusão com um, com outro, aí fica aquela situação ou às vezes, eh, o maloqueiro de um lugar, eh, foi visto andando com maloqueiro de outro e é inimigo de, de um maloqueiro de outro lugar, aí, rola essa confusão, aí, xingamento, ameaça, briga, tá entendendo? Situações ruins são essas”. (Antônio, homem, pardo, 41 anos, ensino médio completo)

No relato acima, Antônio discorre uma maneira de organização coletiva presente entre a população em situação de rua, em que são identificados a partir da localidade que peregrinam. Na fala de Antônio, ele relata conflitos físicos e verbais entre grupos rivais compostos por pessoas em situação de rua. A convivência na rua é marcada por situações de privação e violência, em que alguns movimentos são pactuados entre os moradores de rua presentes no território, isso ocorre a partir de pactos formais e/ou informais que buscam finalidades diversas, como alimentação, segurança, felicidade e bem-estar, a fim de sobreviver e de habitar os espaços de maneira mais harmônica (Lisboa, 2013).

Como presente no relato de Antônio, a vida na rua em seus meandros é atravessada por situações violentas e adoecedoras, sendo algumas delas propagadas por pessoas e instituições. Para compreender a fala e a vivência de Antônio, é necessário abarcar as questões raciais envolvidas, visto que Antônio é um homem negro, e por conta disto, práticas e valores

discriminatórios são endereçados a ele, influenciando a forma como ele pensa e interage com os elementos presentes no território, interferindo na sua saúde e qualidade de vida.

Michel Foucault, filósofo francês do século XX, cunhou um conceito chamado Biopolítica, segundo o autor, a biopolítica tem a finalidade de controlar a vida e a morte da população, através de técnicas, instrumentos, saberes e ações empregadas pelo Estado que gerem uma gestão da vida mais harmônica. Esse poder atua em diversos setores e instituições da sociedade, tais como a família, igrejas, hospitais, mídia, além de claro, órgãos governamentais. Similarmente, inspirado por suas ideias e pelas condições de vida que observou durante o decorrer da sua vida, Achille Mbembe, cientista político camaronês, discorre sobre o conceito da necropolítica. De acordo Mbembe, a necropolítica é a morte proficiente, produzida e propagada por aparatos do Estado sobre pessoas e populações consideradas descartáveis e insignificantes (Grisoski & Pereira, 2020).

Ao ser perguntado se sofre discriminação e se já foi agredido pela polícia, o entrevistado relata que:

“Só dá polícia mesmo. Que, quem dorme em rua pra eles está tudo errado. E acha que a gente que dorme em rua, é pior que um vagabundo que está dentro de uma casa, é pior que um criminoso. [...] Agredido cheguei sim.” (Júlio homem, negro, 29 anos, analfabeto)

Em sua explanação, Júlio relata que foi agredido pela polícia. Sua fala é carregada de conteúdo muito forte e pesado, mas infelizmente, cunhado na realidade de muitas pessoas que vivem em contato com a rua, o fato delas serem discriminadas e alvo de violências físicas e simbólicas, tópico já lavrado no decorrer deste trabalho. A explanação de Júlio acompanha um caso em que foi vítima de violências causadas por uma corporação vinculada ao estado, no caso supracitado, a polícia militar, organização que supostamente tem como seus valores proteger a população e a sociedade. A violência retratada por Júlio, propagada pela polícia é frequente e cotidiana na vida da população em situação de rua. Suas práticas hostis são enraizadas na práxis neoliberal do governo, que considera suas vidas supérfluas, propagando violências físicas, materiais e simbólicas, em que são agredidos fisicamente, tem seus itens roubados e em algumas ocasiões levados à cárcere (Lisboa, 2013). Essas ações podem levar e levam a pessoa que está em situação de rua, como é o caso de Júlio, ao adoecimento e em algumas ocasiões à morte, pois os danos ocasionados por uma agressão podem muitas vezes acarretar maiores acometimentos. Além disso, num ambiente de baixas temperaturas que a

população de rua experiencia durante a noite, a presença ou a falta de um cobertor pode ser o diferencial entre vida e a morte.

O luto é uma reação universal, esperada, singular e sem duração estabelecida que ocorre em resposta à uma situação de perda ou rompimento de um vínculo, englobando repercussões cognitivas, emocionais e comportamentais. Assim como a morte, a forma como o luto se expressa e como ele é elaborado, ocorre em relação com o contexto político, econômico e social dos sujeitos envolvidos no processo, ocorrendo um tratamento diferencial de quais são as vidas merecedoras de luto e quais não. Dentro desse contexto, também se relaciona os fatores que auxiliam ou dificultam a passagem por este processo, como a presença de rede de apoio, experiências anteriores bem-sucedidas e acesso a recursos de enfrentamento (Mantovani, Silva & Bernades, 2021; Tavares, 2021).

Nesta fala, no final da entrevista, ao ser perguntado se há mais algum comentário ou ponderação que deseja fazer, o entrevistado relata:

‘Eu gostaria que Deus me ajudasse pra eu sair da rua, que eu já não aguento mais. [...]Não aguento, não aguento. É muita luta, muita luta. Já perdi muitos camaradas, muitos amigos na baixa do fiscal. [...] - Perdi assim, morrendo, nego mata, eles apronta, morre, um morre, morre outro`. (Jânio, homem, negro, 43 anos, analfabeto)

Na fala de Jânio, podemos observar o sofrimento de como ele se sente, ao lembrar amigos e conhecidos que morreram ou foram assassinados, além da sua súplica em sair da condição de rua em que está vivendo. Para falar da morte, é necessário que se diga como se vive. No caso de Jânio, um morador de rua, homem e negro, sua vida na rua, é atravessada constantemente por violências e condições adoecedoras que muitas vezes impedem ou dificultam a existência de fatores que promovam a possibilidade de passar pelo luto e de sentir o sofrer, como a hiperexposição a morte, relatada através da morte de várias pessoas que teve contato, além da falta de um tempo ósseo para a elaboração do luto, situação que costumeiramente não é característica da vivência na rua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do Brasil foi fundada em processos que objetificaram a exclusão social, a partir de diferentes formas de opressão à população brasileira, especialmente negros e pobres, sujeitos que viriam compor a maior parte da população de rua. No decorrer desta pesquisa,

constatou-se que a população em situação de rua não é um fenômeno recente, e sim resultado de práticas e processos que mesmo com o desenvolvimento tecnocientífico e com transformações socioeconômicas, não visavam a sua inserção integral na sociedade. Pautando uma lógica de exploração sustentada por sistemas e ideologias que visam perpetuar e a potencializar a exclusão social, resultando na privação de direitos, acometimentos físicos e mentais e na fragilização dos moradores de rua no âmbito do trabalho.

Os dados observados foram de suma importância para atingir os objetivos elencados, indicando a relação entre racismo, trabalho e saúde na vida da pessoa em situação de rua. Pois, a partir deles foi possível observar a associação dos processos psicossociais relacionados ao trabalho; as atividades laborais realizadas, o desemprego estrutural, e a indigência. Além de observar como as condições de vida impactam a saúde; seja pelo ambiente marcado por agressões físicas e simbólicas, a dificuldade de elaboração do luto ou pelo uso abusivo de substâncias.

Embora esta pesquisa tenha suas limitações, como o tamanho limitado da amostra e as condições ambientais e/ou contextuais que podem influenciar a interpretação e a utilização dos resultados. O estudo dessa problemática poderá contribuir para identificar reflexões pertinentes sobre as dificuldades na vida para o trabalhador em situação de rua, abordando questões de gênero, raça e escolaridade, ao sensibilizar outros setores da população e especialmente, os órgãos públicos sobre essas questões. Ademais, espera-se que a presente pesquisa possua o intuito de capacitar o profissional de psicologia para atuar de maneira empática, reflexiva e comprometida com o exercício da profissão, sendo ético e responsivo com as demandas e potencialidades do sujeito que está em condição de rua. O trabalho trouxe elementos para que os órgãos públicos implementem políticas públicas efetivas de inclusão social, através do trabalho decente para redução das desigualdades sociais. Nesse sentido, estamos no aguardo da divulgação de uma política nacional direcionada a esse segmento, com a finalidade de erradicação da pobreza e das questões sociais que levam a vida na rua.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, W. M. J., & Ozella, S.. (2006). Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 26(2), 222–245. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000200006>

- Almeida, S. (2019). *Racismo estrutural*. Pólen Produção Editorial LTDA. Recuperado de https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=LyqsDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=racismo+estrutural+silvio&ots=Qnfl6oplb0&sig=nFpeZn9M1O0nK6tNW4IzqX5dJ_4&redir_esc=y#v=onepage&q=racismo%20estrutural%20silvio&f=false
- Antunes, R. L. C. (2019). Neoliberalismo, reestruturação produtiva e mudanças no mundo do trabalho. *Revista da Faculdade de Direito de Campos, Rio de Janeiro*, 2, 3. Recuperado de https://bdjur.stj.jus.br/jspui/bitstream/2011/25497/neoliberalismo_reestruturacao_produtiva_mudancas.pdf
- Barata, R. B. (2009). *Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde*. Editora Fiocruz. Recuperado de <https://static.scielo.org/scielobooks/48z26/pdf/barata-9788575413913.pdf>
- Brasil. (2009). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Rua: Aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua* Brasília, DF: o autor. Recuperado de https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/Rua_aprendendo_a_contar.pdf
- Brito, C., & Silva, L. N. da .. (2022). População em situação de rua: estigmas, preconceitos e estratégias de cuidado em saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(1), 151–160. <https://doi.org/10.1590/1413-8123202271.19662021>
- Coelho, S. D. C. F., da Silva, E. R., & Herdeiro, R. M. C. (2021). Modernização Conservadora e racismo no Brasil. *Revista Fim do Mundo*, (4), 110-132. <https://doi.org/10.36311/2675-3871.2021.v2n4.p110-132>
- Conselho Regional de Psicologia - Minas Gerais (Org.). (2015). *A Psicologia e a população em situação de rua: novas propostas, velhos desafios*. Belo Horizonte, MG: CRP 04
- Damasceno, M. G., & Zanello, V. M. L.. (2018). Saúde Mental e Racismo Contra Negros: Produção Bibliográfica Brasileira dos Últimos Quinze Anos. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 38(3), 450–464. <https://doi.org/10.1590/1982-37030003262017>
- de Almeida, S. F. (2012). População em situação de rua e o retorno à educação escolar: entre dificuldades e possibilidades. Recuperado de <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/30.pdf>
- Eccel, C. S., & Grisci, C. L. I.. (2011). Trabalho e gênero: a produção de masculinidades na perspectiva de homens e mulheres. *Cadernos EBAPE.BR*, 9(1), 57–78. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512011000100005>
- Ferreira, R. F., & Camargo, A. C.. (2011). As relações cotidianas e a construção da identidade negra. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 31(2), 374–389. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000200013>
- Fiocruz Brasília. (2023, 9 de outubro). População em situação de rua aumentou durante a pandemia. Recuperado em 9 de outubro, 2023, de <https://www.fiocruzbrasil.br/populacao-em-situacao-de-rua-aumentou-durante-a-pandemia/>

- Gama, C. A. P. da ., Campos, R. T. O., & Ferrer, A. L.. (2014). Saúde mental e vulnerabilidade social: a direção do tratamento. *Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental*, 17(1), 69–84. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142014000100006>
- Gonçalves, MGM, A Psicologia Sócio-histórica: A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: A historicidade como noção básica. In. *Psicologia Sócio-histórica: Uma perspectiva crítica em Psicologia*, Bock, AMB, Gonçalves, MGM; Furtado, O. (3 ed., Cap 2, pp. 37-53). Editora Cortez. São Paulo. 2007.
- Henrique, Regis Albuquerque, Santos, Clara Miranda, & Vianna, João Jackson Bezerra. (2013). Sentidos e significados do trabalho entre pessoas em situação de rua. *Psicologia para América Latina*, (24), 109-120. Recuperado em 02 de novembro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2013000100008&lng=pt&tlng=pt.
- Lisboa, M. S. (2013). Os loucos de rua e as redes de saúde mental: os desafios do cuidado no território e a armadilha da institucionalização. Recuperado de <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/17023>
- Macerata, I. M., Sade, C., & Ramos, J. F. C.. (2020). Território na pesquisa, território da pesquisa: protagonismo do território na pesquisa-intervenção participativa . *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 24, e190733. <https://doi.org/10.1590/interface.190733>
- Mantovani, G. L. O., da Silva, V. O., & Bernardes, A. G. (2021). Corpos e existências: vidas não passíveis de luto. *Revista Polis e Psique*, 11, 92-111. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpps/v11nspe/v11nspea06.pdf>
- Melazzo, E. S. (2010). Problematizando o conceito de políticas públicas: desafios à análise e à prática do planejamento e da gestão. *Revista Tópos*, 4(2), 9-32. Recuperado de <https://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/view/2253>
- Mendes, K. T., Ronzani, T. M., & Paiva, F. S. de. (2019). População em situação de rua, vulnerabilidades e drogas: Uma revisão sistemática. *Psicologia & Sociedade*, 31, e169056. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31169056>
- Mendes, R. M., & Miskulin, R. G. S.. (2017). A análise de conteúdo como uma metodologia. *Cadernos De Pesquisa*, 47(165), 1044–1066. <https://doi.org/10.1590/198053143988Grisoski>, D. C., & Pereira, B. C. (2020). Da biopolítica à necropolítica: *Revista Espaço Acadêmico*, 20(224), 199-208. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/48710>
- Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. (2012). Manual sobre o cuidado à saúde junto à população em situação de rua. Brasília, DF: MS. Recuperado de http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/manual_cuidado_populacao_rua.pdf
- Ministério da Saúde. (2012). Política Nacional de Atenção Básica. Brasília, DF: MS. Recuperado de <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf>
- Natalino, M. (2022). Estimativa da população em situação de rua no Brasil (2012-2022). Recuperado de <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10074>

- Neves, D. R., Nascimento, R. P., Felix Jr, M. S., Silva, F. A. da ., & Andrade, R. O. B. de .. (2018). Sentido e significado do trabalho: uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library. *Cadernos EBAPE.BR*, 16(2), 318–330. <https://doi.org/10.1590/1679-395159388>
- Patias, N. D., & Hohendorff, J. V.. (2019). Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. *Psicologia Em Estudo*, 24, e43536. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v24i0.43536>
- Oliveira Júnior, E. L. D. (2017). Pesquisa científica na graduação: um estudo das vertentes temáticas e metodológicas dos trabalhos de conclusão de curso. Recuperado de <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/20939>
- Pinho, R. J. do ., Pereira, A. P. F. B., & Lussi, I. A. de O.. (2019). População em situação de rua, mundo do trabalho e os centros de referência especializados para população em situação de rua (centro pop): perspectivas acerca das ações para inclusão produtiva. *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, 27(3), 480–495. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1842>
- Pinto, R. M. P. (2020). Trabalho e população em situação de rua: uma análise à luz da questão social no Ceará. Recuperado de <http://www.bdtu.uerj.br/handle/1/19136>
- Sawaya, A. L.. (2006). Desnutrição: conseqüências em longo prazo e efeitos da recuperação nutricional. *Estudos Avançados*, 20(58), 147–158. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142006000300016>
- Segre, M., & Ferraz, F. C.. (1997). O conceito de saúde. *Revista De Saúde Pública*, 31(5), 538–542. <https://doi.org/10.1590/S0034-89101997000600016>
- Sicari, A. A., & Zanella, A. V.. (2018). Pessoas em Situação de Rua no Brasil: Revisão Sistemática. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 38(4), 662–679. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003292017>
- Silva, M. P. da ., Bernardo, M. H., & Souza, H. A.. (2016). Relação entre saúde mental e trabalho: a concepção de sindicalistas e possíveis formas de enfrentamento. *Revista Brasileira De Saúde Ocupacional*, 41. <https://doi.org/10.1590/2317-6369000003416>
- Tavares, J. S. C. (2021) Expressão do luto na população negra: entre o invisível e o patológico. In: Jacimara Souza Santana. (Org.). *Saúde das populações negras na América e África*. 1ed.Salvador: EDUNEB, v. , p. 63-83. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/359268358_EXPRESSAO_DO_LUTO_NA_POPULACAO_NEGRA_ENTRE_O_INVISIVEL_E_O_PATOLOGICO
- Técnicas, O. (2011). Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua-Centro POP. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Recuperado de https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes_centro_pop.pdf